

A pequena produção mercantil: da ascensão à decadência em Santo Antônio de Lisboa e Sambaqui (Florianópolis – SC)

Giselli Ventura de Jesus
Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

O processo de ascensão e decadência da pequena produção mercantil dentro do contexto de Florianópolis, e mais especificamente de Santo Antônio de Lisboa e Sambaqui, estão interligados ao processo de urbanização ocorrido na Ilha de Santa Catarina e as questões econômicas que se sucederam diante do quadro econômico que foi se estabelecendo no Brasil e internamente na capital do Estado catarinense, e nas duas áreas de estudo.

Para compreender como se desenvolveram tais transformações econômicas e urbanas foi utilizada a periodização de Bastos dividida em três momentos: 1) da urbanização vinculada à pequena produção mercantil, 2) da urbanização em decorrência da vinda de imigrantes alemães e italianos, 3) da urbanização ocorrida como reflexo das políticas de Estado adotadas a partir da gestão varguista, que permite uma análise mais consistente sobre a urbanização de Sambaqui e Santo Antônio de Lisboa.

O processo de urbanização da Ilha de Santa Catarina inicia-se na passagem do século XVIII para o XIX, sendo estimulado pela vinda dos açorianos. No período em voga, Desterro passou a ser capital da província, adquirindo então funções de caráter administrativo, o que possibilitou uma maior relação entre pequenos produtores, pescadores artesanais e agricultores, responsáveis não só pela exportação como também pelo fornecimento de alimentos aos centros urbanos em franca expansão. (BASTOS, 2000)

Em suas pequenas propriedades policulturas (que permitiam a subsistência) destacavam-se a produção de mandioca, cana-de-açúcar, amendoim, milho, café. A construção de engenhos de farinha de mandioca ¹ servia, não só para a fabricação de farinha, mas também para a fabricação de açúcar, melado e cachaça. Havia ainda a criação de gado, em muitos casos soltos em terras comunais (CAMPOS, 1991).

Santo Antônio de Lisboa ² vai ser o centro polarizador³ do Norte da Ilha, principalmente a partir da construção da casa da alfândega (porto) por Manuel Manso

¹ O principal produto da economia açoriana vai ser a farinha de mandioca, no século XIX e o produto mais exportado da Ilha de Santa Catarina. “Nos momentos de grande exportação, havia certamente uma grande produção, favorecida possivelmente por preços mais compensadores. Isto agia diretamente sobre o produtor, que escoava sua produção e obtinha bons lucros, ficando com parte da acumulação. Um bom número deles crescia e se desenvolvia paralelamente um importante artesanato: engenhos (farinha, açúcar), alambiques, teares, etc. Sendo assim, ocorria nestes momentos, uma certa ‘riqueza popular’, que pode ser percebida ainda no razoável número de engenhos e casas típicas açorianas, que continua a existir por toda a Ilha.” (CAMPOS, 1991, p.34)

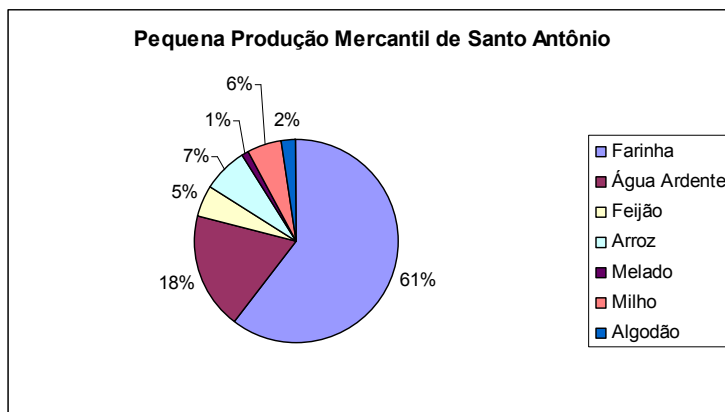
² “A vila de Santo Antônio foi a primeira que surgiu a partir de planejamento criterioso, um fato raro à época. É a única com ruas projetadas e quadra com o mesmo tamanho na Ilha. Possivelmente, foi planejada para ser a sede provisória da província, porém os portugueses perceberam que o ponto onde a ilha e o continente mais se aproximam seria estrategicamente mais interessante para implantar uma vila com chances de se expandir- e assim a cidade cresceu onde se encontra hoje” (SILVA, 2007, p. 90 e 91).

³ “Nos séculos XVIII e XIX, quando a Freguesia foi centro polarizador da microrregião do norte da Ilha, desfrutando com isso boa situação econômica. Seu primeiro líder político foi o sargento-mor Manuel Manso de Avelar, que de sua casa na Ponta do Sambaqui governava os destinos da vila de Nossa Senhora do Desterro, como uma possessão sua.” (IAPONAN, 1991, p.26)

de Avelar⁴ em 1750 dando origem a Sambaqui, isso ocorre devido a sua ótima posição, por apresentar uma baía protegida dos ventos fortes.

“O porto de Santo Antônio é manso e movimentado por um comércio marítimo maior que o de todas as outras freguesias. Embarcações miúdas, em grande número, remam e velejam diariamente entre as suas praias e o Desterro, sobretudo quando, como é freqüente, há ali fundeados navios mercantes ou de guerra, nacionais e estrangeiros, cujo calado não lhes permite passarem além dos ancoradouros de Santa Cruz e Sambaqui.” (VARZEA, 1985, p. 107)

O documento de 1797, feito pelo governador da capitania de Santa Catarina, Miranda Ribeiro, referente à freguesia de Nossa Senhora das Necessidades (Santo Antônio de Lisboa), registra números da sua produção agrícola (gráfico abaixo) que em 1797 tinha 20.000 alqueires de farinha⁵; 2.372 de arroz; 1.882 de milho; 1.676 de feijão; 4 de fava; 56 de trigo; 10 de cevada; 6.115 de água ardente; 120 de cachaça; 380 de melado; 120 arrobas de açúcar; 726 de algodão; 5 de café⁶; e 60 pedras de linho (IAPONAN, 1991). No mesmo documento consta que em 1796⁷ existiam na freguesia 2.048 pessoas. Em 1810, Santo Antônio apresenta uma população de 3.367 pessoas Pauli (1973).



⁴ O processo de fundação de Santo Antônio de Lisboa se deu a partir de 1714, quando vai para a localidade o sargento-mor Manoel Manso de Avelar, que foi o responsável pela construção em Sambaqui do entreposto para funcionar o comércio marítimo no local, dando origem a este último bairro. Com a criação do entreposto o lugar passa a ser freguesia através da Provisão de 27 de abril de 1750 (IAPONAN, 1991).

⁵ O “preparo da terra para as novas plantações de mandioca, que se fazem primeiro pelas encostas e morros, depois pelas baixadas e planície.” (VARZEA, 1985, p. 196) Santo Antônio e Sambaqui tem como característica um relevo com forte presença de encostas e morros.

⁶ “As principais plantações de café na Ilha foram feitas sob o vice-reinado de Luís de Vasconcelos e Souza, sendo governador de Santa Catarina o Major José Pereira Pinto, cuja fecunda e brilhante administração durou de 7 de junho de 1786 a 17 de janeiro de 1791. Desde então esse ramo de cultura começou a dar os melhores resultados, não só aí como no continente, iniciando-se logo depois uma regular exportação para o estrangeiro, onde o café catarinense, particularmente o da Ilha, foi considerado de excelente qualidade[...] A plantação do café nas freguesias e arraiais da Ilha fez-se certa época com a maior irregularidade, como de resto se procedia com a mandioca, da cana, do milho[...] A uberdade do solo catarinense, em geral, é tão considerável que o cafeeiro, ao contrário do que se observa (em outros Estado)[...] onde ele é sempre de pequenas proporções, atinge ali tamanho, semelhando quase árvore.” (VARZEA, 1985, p. 225)

⁷ “A população catarinense levou trinta e cinco anos- 1795 a 1832- para duplicar, enquanto o número de habitantes da Ilha somente dobrou em quarenta e cinco anos- 1795- 1840, indicando um ritmo lento em alguns anos até retrógrado.” (MIRA, 2002, p. 65)

A farinha de mandioca tem um grande destaque em relação aos demais gêneros na economia da ilha por ser um produto exportável. No século XVIII, a freguesia de Nossa Senhora das Necessidades e Santo Antônio, já se destacava com a produção de farinha de mandioca, um dos produtos mais comercializados pela Ilha de Santa Catarina, o que demonstra a forte atuação da pequena produção mercantil açoriana local. A freguesia, além de produzir o principal produto da economia açoriana, o qual era exportado, tinha ainda o privilégio de ter um porto para o escoamento da produção.

O desenvolvimento econômico de Santo Antônio ocorre principalmente no século XIX, como enfatiza Ferreira⁸ (1998):

“O século XIX foi um período de grande desenvolvimento econômico da região, a princípio com a produção de farinha de mandioca e depois de café. O seu porto era movimentadíssimo uma vez que era o ponto de escoamento de boa parte da produção agrícola do Norte da Ilha.” (FERREIRA, 1998, p. 12 e 13)

A tabela abaixo demonstra os produtos exportados via porto de Desterro no período de 1851 a 1860, ao se comparar a farinha de mandioca em alqueires com os demais produtos, nota-se a sua força como produto de exportação (HÜBENER, 1981).

TABELA: Produtos exportados por Desterro

Termo Médio p/triênio	farinha	milho	feijão	amendoim	arroz	Batata inglesa
1851-54	358.958	15.928	15.145	10.141	7.274	2.461
1854-57	430.035	27.064	23.106	10.628	8.147	474
1857-60	546.937	67.674	20.965	14.660	9.096	010

FONTE: HÜBENER, 1981. Tabela modificada por Giselli Ventura

Mesmo exportando farinha de mandioca, não se desenvolveram relações capitalistas de produção, pois não inovou nos seus meios de produção. Esses próprios gêneros alimentícios vão sofrer no final do século XIX com a concorrência, pois em outros locais vão também produzir este tipo de alimento. A própria farinha como enfatiza Hübener:

“o comércio da farinha teve contra si não só o fato de ser produzida em outras áreas, mas também a má qualidade do produto. Esta deficiência estava

⁸ Tanto a farinha como o café, tinha o seu tempo certo, pois a natureza tinha a sua influência. Para cada estação se configurava um predomínio da agricultura, no caso da farinha e do café: “As farinhadas eram feitas quando a mandioca estava bem mais consistente, porque fora a época ela tornava tenra e aguada [...] O café era colhido entre os meses de março e agosto, era o maior cultivo da Ilha A colheita era feita no inverno e que podia, guardava o café em coxos de madeira e paióis para ser vendido no verão a fim de obter mais lucro.” (FERREIRA, 1998, p. 97 e 101) Na entrevista feita com o morador Raulino Pedro Marciano (85 anos) ele enfatiza a importância do café, pois eles compravam na venda a fiado e no período de colheita do café vendiam ao dono da venda ao mesmo tempo pagavam suas dívidas. Referente mão-de-obra utilizada nos engenhos de farinha e na colheita de café “havia bastante oferta de trabalho para senhoras e moças” (FERREIRA, 1998, p. 102). A Sr. Nadir Lisboa Aparício (90 anos), relata que era o período que as mulheres conseguiam emprego seja descascando mandioca ou colhendo café.

ligada à técnica precária, aos processos rotineiros empregados no cultivo da mandioca e na fabricação da farinha.” (HÜBENER, 1981, p. 94)

Outro ponto a ser considerado foi o fato de o papel centralizador exercido pelos capitais comerciais de Desterro e Rio de Janeiro (BASTOS, 200), fez com que ocorresse um atraso das áreas de pequena produção mercantil que tinham influência direta dessas regiões. O Rio de Janeiro foi o que mais comercializou com Santa Catarina e depois o Rio Grande do Sul, mas o Rio foi o pólo centralizador de todo o comércio do Império, tanto de produtos nacionais como internacionais que convergiam para ali.

As duas tabelas abaixo, de importação e exportação, demonstram a relação comercial entre as principais províncias. A capital do Império enviava um grande volume de produtos para Santa Catarina, entrados através do porto de Desterro. ((HÜBENER, 1981). Os gráficos demonstram que as demais províncias alcançam “superávit” na balança comercial, exportando mais para o Rio de Janeiro do que importavam, diferentemente de Santa Catarina.

“grande produção policultura, com exportações de farinha de mandioca durante todo o século XIX para o Rio de Janeiro, Salvador e Recife, tornando Santa Catarina, junto com o Espírito Santo nos dois maiores abastecedores do mercado Nacional” (MAMIGONIAN, 2007, p. 5).

Principais Províncias Importadoras de Santa Catarina 1869-70

Rio de Janeiro	75,51%
Rio Grande do Sul	15,67%
São Paulo	4,99%
Paraná	2,69%
Pernambuco	0,93%
Bahia	0,21%

Fonte: HÜBENER, 1981, p.64.

Importação da Província de Santa Catarina

Rio de Janeiro	70,92%
Rio Grande do Sul	23,78%
São Paulo	4,53%
Paraná	0,35%
Pernambuco	0,23%
Bahia	0,14%
Sergipe	0,03%
Alagoas	0,02%

Fonte: HÜBENER, 1981, p.64.

“O litoral catarinense dedicou-se à produção da farinha de mandioca, a qual não cobria, em valores, as cifras do comércio importador. Embora fosse o principal produto exportador não fornecia, à província, a renda necessária e suficiente, por não conseguir altos preços no mercado interprovincial.” (HÜBENER, 1981, p. 94)

Entre os séculos XVIII e início do XIX Desterro é considerada praça exportadora de gêneros alimentícios, caracterizando o tipo de economia existente na Ilha, a do comércio marítimo e da pequena produção mercantil. No caso de Santo Antônio de Lisboa e Sambaqui, além de terem a presença também dos produtos ligados à exportação, o fato de ter um porto também facilitava o escoamento da produção não só da região como de todo o norte da ilha, pois o rio Ratonas que se encontra em Sambaqui ligava ao interior e as demais vilas. Com a crise em 1873 do Brasil ocorre a substituição natural e industrial de importações, ou seja, acaba favorecendo o consumo dos produtos internos.

O segundo processo de urbanização ocorre no final do século XIX⁹, quando Florianópolis é promovida à condição de praça comercial importadora, que vai abastecer as emergentes colônias de alemães¹⁰ e italianos que se encontravam nos vales da costa catarinense. Com o forte crescimento econômico alcançado pela função portuária (principalmente), mas também comercial e administrativa permitiu que a cidade¹¹ pudesse crescer, e ao mesmo tempo, surge à preocupação e incentivos de investimento na melhoria da infra-estrutura urbana e de serviços (BASTOS, 2002).

Os açorianos foram os responsáveis pelo primeiro processo de urbanização através da pequena produção mercantil, tendo o seu apogeu econômico no século XIX, por outro lado não investiram em técnicas para aprimorar o seu trabalho, além do engenho de farinha, diferentemente dos imigrantes europeus (não portugueses), no caso alemão e italiano, que migraram durante a revolução industrial trazendo para Santa Catarina técnicas e o espírito empreendedor.

“Em outras palavras, esse artesão era uma espécie de quebra galho que fazia de tudo um pouco e por conseqüência tal artesanato não encontrou força suficiente para se transformar em indústria, diferentemente das colônias recém implantadas nos vales atlânticos catarinenses de alemães e italianos

⁹ “A ocupação dos vales litorâneos no século XIX por colonos alemães e italianos, não permitiu mais a existência de terras disponíveis à expansão açoriana. Os vales Atlântico foram ocupados, a partir de 1850, por imigrantes alemães e italianos, que cresceram independentemente do seu contato com Desterro, a capital, ou com outros centros litorâneos típicos, como Laguna ou São Francisco do Sul. Estes imigrantes originaram importantes centros industriais, suplantando economicamente a área litorânea a favorecendo à descendente **curva que a economia açoriana vinha sofrendo. Problema que se aprofundou** após a década de 1950, quando novos interesses entram em jogo, tanto a nível local, estadual, quanto nacional.” (CAMPOS, 1991, p. 37)

¹⁰ “Na metade do século XIX surgiram em Santa Catarina duas colônias alemães de enorme significado atual: a colônia D.Francisca (1851), nas terras da porção interior da baía de São Francisco, organizada pela Kolonisationsveein Von Hamburg e a colônia Blumenau (1850), no médio vale do Itajaí-açu, iniciativa particular do Dr. Hermann Blumenau. [...] Com a vinda nos fins do século XIX de alguns colonos tecelões e com o acúmulo de dinheiro através do comércio foi possível a instalação de tecelagem rudimentares, que lenta e constantemente ampliaram suas atividades” (MAMIGONIAN, 1958, p. 88).

¹¹ “O crescimento da cidade sofreu forte aceleração a partir do momento em que Desterro passava a assumir cada vez mais a condição de praça importadora de produtos provenientes de outras regiões do Brasil e da Europa, isso já no último quartel do século XIX.” (BASTOS, 2002, p.130).

que se industrializaram e passaram a concorrer com a pequena produção ou como no preço dos mesmos.” (BASTOS, 2002, p. 131)

A própria estrutura das cidades colonizada por açorianos se distingue das cidades colonizadas pelos alemães e italianos. A primeira colonização tinha como “único elemento que dirigia o plano urbano era a linha da praia (Ilustração 1).” (PELUSO JR, 1956, p. 332), para este plano o autor chamou de “**plano primitivo**”¹². A segunda colonização, alemã e italiana, tem o rio como o centro do seu processo de povoamento (Ilustração 2).

“Através do caminho aberto ao longo do rio começaram a aparecer os primeiros sinais de comércio [...] O elemento de formação do povoado era o comércio, e a direção do plano urbano que se esboçava cabia ao caminho por onde transitavam os colonos [...] Era a função comercial que dirigia o plano [...] Nesse plano não há lugar de realce para a igreja.” (PELUSO JR, 1956, p. 338 e 339)

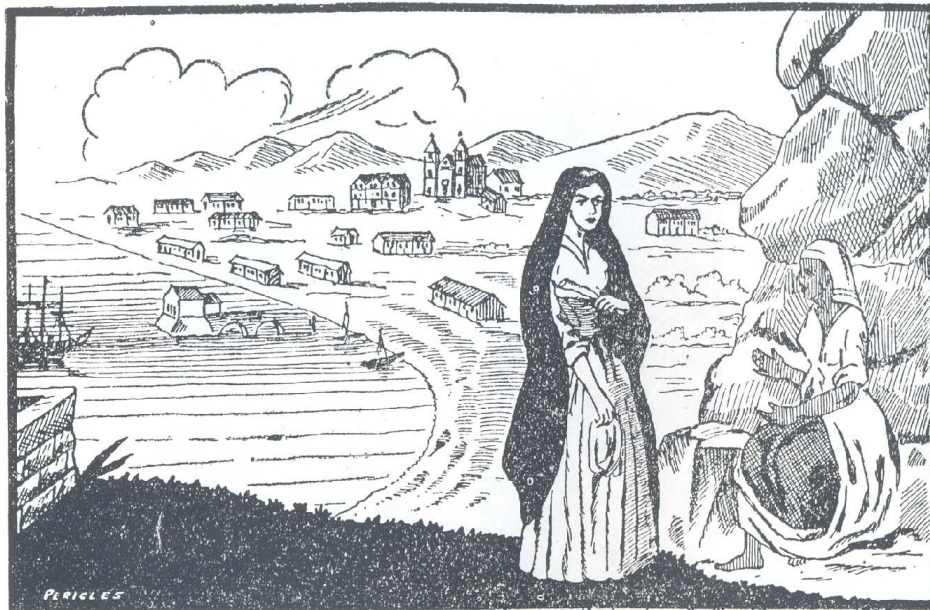


Fig. 32 - "Veduta dell'Isola di Santa Caterina - La Perouse-1785 (Cartografia do Dr. Oswaldo Rodrigues Cabral)

Fig. 2 — Destêrro (Florianópolis) em 1785. — La Perousse. Reprodução de “Florianópolis — Ensaio de Geografia Urbana”, de Wilmar Dias

Ilustração 1: Desterro no século XVIII

FONTE: PELUSO JR, 1956, p. 330

¹² “O plano primitivo de Florianópolis foi o de povoamento a beira-mar com uma igreja no extremo, sobre o alto da colina em cuja vertente ficava na praça.” (PELUSO JR, 1956, p. 332)

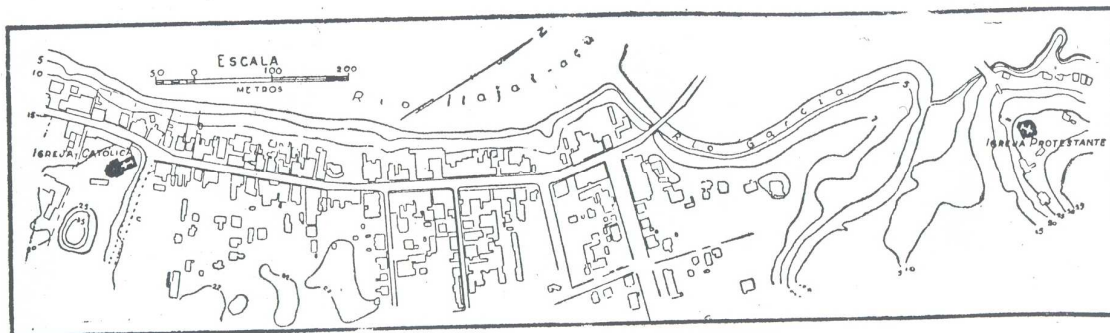


Fig. 15 — Templos católico e protestante em Blumenau

Ilustração 2: Estrutura das colônias alemãs e italianas

FONTE: PELUSO JR, 1956, p. 342

O fato de a freguesia ter a característica da colonização açoriana, Santo Antônio de Lisboa e Sambaqui, estar relacionada com o tipo de economia voltada para a produção de farinha¹³, que “constituía o principal produto de comércio no mercado local, regional e nacional, o qual não gerava capital e não criava estímulos para investimentos em outros setores, em destaque o industrial.” (MIRA, 2002, p.66). O que resultará, com a vinda dos imigrantes alemães e italianos, a substituição aos poucos dessa produção artesanal, promovendo ao mesmo tempo a modernização do comércio e do porto como também a intensificação e ampliação das relações comerciais com outros países como a Alemanha. Esses imigrantes recém saídos da Revolução Industrial vão investir na questão da infra-estrutura e na modernização ou mesmo na instalação de indústrias, e aos poucos vão substituindo os comerciantes açorianos. (BASTOS, 2002).

O resultado disso para a freguesia de Santo Antônio¹⁴ e Sambaqui é o empobrecimento dessa região, que no século XIX¹⁵ teve um importante papel no

¹³ Referente a comercialização de farinha de mandioca a autora Laura Machado Hübener relata que desde 1526 era fornecida as embarcações pelos nativos, mas nos séculos XVIII e XIX com o aumento da população devido a vinda dos açorianos que (trouxeram a técnica do engenho de farinha) e a vinda de tropas militares, aumentaram o consumo interno. “O litoral catarinense dedicou-se à produção da farinha de mandioca, a qual não cobria, em valores, as cifras do comércio importador. Embora fosse o principal produto exportador não fornecia, à Província, a renda necessária e suficiente, por não conseguir altos preços no mercado interprovincial. O comércio da farinha teve contra si não só o fato de ser produzida em outras áreas, mas também a má qualidade do produto.” (HÜBENER, 1981, p.94) Essa seria uma das explicações para o fato de mesmo a farinha de mandioca sendo o principal produto de exportação “Santa Catarina manteve-se como uma das principais províncias exportadoras do gênero”, porém não conseguiu ganhar status de economia mais importante da antiga Desterro.

¹⁴ Um dos exemplos de comerciantes que vivam nesta região foi Gedeão Mansur, de origem libanesa que se fixou em Santo Antônio de Lisboa que comercializavam de tudo: tecido, louças, e que para vender “cruzava as precárias picadas da região para vender suas mercadorias na Vargem Grande, Vargem Pequena, Cachoeira do Bom Jesus, Canasvieiras e, eventualmente no Ribeirão da Ilha” (SILVA, 2007, p. 25) Vai se mudar para o Centro de Florianópolis montando sua loja em 1947. Que com as mudanças dos novos tempos “comércio que agregava tecnologia e design inovadores” (SILVA, 2007, p. 25) as painéis de alumínio, um dos produtos que ia até São Paulo comercializar, sendo um atacadista do produto. Produto este até hoje presente na loja “Bazar Mansur” no mercado público.

¹⁵ “Os produtos das colônias era vendidos na praia ao lado da alfândega, onde hoje está o Mercado Público,, todas as terças-feiras. Consultando-se registros iconográficos da época percebe-se o grande movimento que a praia do mercado tinha em dias de feira, quando canoas, pessoas e mercadorias se misturavam. Os produtos vinham principalmente de Santo Antônio de Lisboa, Ratones, Alto Biguaçu (Antônio Carlos), Palhoça, Biguaçu, Ribeirão da Ilha, Ganchos, Saco dos Limões e Cova Funda.” (FERREIRA, 1988, p. 27)

crescimento local, tanto na parte econômica como na estrutura urbana local. Até hoje as rugosidades¹⁶ (Ilustração 3) deixadas pelos açorianos, revelam a sua importância no cenário de Florianópolis. Segundo Ferreira:

“O século XIX foi um período de grande desenvolvimento econômico da região, a princípio com a produção de mandioca e depois de café. O seu porto era movimentadíssimo uma vez que era o ponto de escoamento de boa parte da produção agrícola do Norte da Ilha. Possuía inúmeras casas comerciais que lhe davam independência em relação a Desterro, todos os gêneros de consumo da época poderiam ser comprados em suas vendas.” (FERREIRA, 1998, p.13)

Referente ao processo de urbanização em Santa Catarina pode-se focar duas épocas, uma antes e depois de 1850. A tradição portuguesa, antes de 1850 se caracteriza por uma estrutura de **plano urbano**, que é colocado em prática com o governador José da Silva Paes, primeiro na estrutura da Vila-Capital da Capitania de Santa Catarina, no caso Nossa Senhora do Desterro, ou mesmo o “regimento” estabelecido pelo rei de Portugal para a colonização do litoral catarinense pelos açorianos. Após 1850 tem-se um incremento demográfico com a vinda dos imigrantes europeus, não portugueses, em Santa Catarina, o que estabelece uma nova fisionomia urbana ou **estrutura urbana** para as áreas de colonização. Povoações estas que surgem e se expandem ao longo dos rios e afluentes d’água, obedecendo o traçado das linhas coloniais, em que o vale é o que caracteriza a paisagem. (PIAZZA, 1983).

“E nesta paisagem geográfica o relevo exerceu influência tão forte quanto à própria rua comercial ou, então, o plano urbano obedece à força da tradição, de acordo com a cultura do grupo que constroa a cidade. Enquanto os grupos de alemães vão se fixar, preferencialmente nos centros das colônias ou, quando muito, ao seu redor, os grupos italianos vão ser colocados, predominantemente, na periferia das colônias.” (PIAZZA, 1983, p. 405)

A instalação de imigrantes estrangeiros em colônias próximas à Florianópolis permite que a produção agrícola aumente consideravelmente, isso fez com que fosse necessário o melhoramento das vias de acesso a capital, para que a produção alcançasse o mercado e o porto da capital. Em decorrência disso, as antigas estradas foram melhoradas e novas foram abertas. (FERREIRA, 1998, p. 27) A ponte Hercílio Luz no Século XX para valorizar ainda mais o melhoramento dessas estradas e o enfraquecimento do transporte marítimo.

A inserção da República coincidiu com uma forte crise econômica na Ilha de Santa Catarina. A economia baseada na exportação de produtos agrícola, principalmente

¹⁶ O casarão é uma dessas rugosidades que está presente até hoje. Ele a princípio não foi construído para ser o Posto da Alfândega. Ele é construído em 1854 com o objetivo de servir de moradia para a família de Jacinto José de Andrade. Em 1905 criou-se o Posto Aduaneiro de Sambaqui (que só começou a funcionar em 1907 devido a chegada do ancoradouro oficial de Ratonas através de navios estrangeiros que vinham trazer as mercadorias), e a partir deste momento a construção passa a ser Posto da Alfândega. “O Posto contava com 4 guardas aduaneiros, uma lancha bateira, com 4 tripulantes e um patrão. Possuía um binóculo de longo alcance para olhar os navios mercantes de grande porte. Uma vez recolhido, eles içavam a bandeira de navio de fora, e logo era comunicado para a alfândega do centro de Florianópolis. Então, com qualquer tempo a lancha ia levando o guarda aduaneiro para fiscalizar as mercadorias que vinham dos países estrangeiros. Tinha dias de ter 4 navios neste porto, entre navios ingleses, alemães, franceses, americanos, argentinos e outras nações.” (Ferreira *apud* IPUF, 2002)

de farinha de mandioca, encontra-se enfraquecida. E novos produtos vão surgir no Estado devido à vinda de imigrantes estrangeiros. O porto tem o seu movimento reduzido. Sendo estas atividades responsáveis pela possibilidade de acumulação de riquezas e status. (FERREIRA, 1998, p. 47)

Nesse período ocorre um crescimento da cidade e com isso surge a preocupação com a infra-estrutura urbana e de serviços que viesse atender as necessidades da população da Ilha. “O crescimento da cidade sofreu forte aceleração a partir do momento em que Desterro passava a assumir cada vez mais as condições de praça importadora de produtos provenientes de outras regiões do Brasil e da Europa, isso já no último quartel do século XIX.” (BASTOS, 2000, p.130).

Abertura dos portos em 1880 facilita a entrada de produtos estrangeiros, principalmente os britânicos que passam a ser concorrentes dos internos, além de trazer uma variedade de especiarias.

Cabe ressaltar a importância de um dos grandes empreendedores que chegaram no segundo processo de imigração no século XIX, o alemão Carl Hoepcke, este em destaque por ser o responsável pela empresa nacional de navegação Hoepcke, que teve um papel importante para Florianópolis.

“Na segunda metade do século XIX a importação cresceu, motivada não só pelas novas necessidades da cidade que se expandia, mas também pela economia mais estável. Nesse contexto, a empresa Carl Hoepcke também acompanhava o ritmo do crescimento da cidade, ampliando cada vez mais suas relações comerciais com diversas regiões do país, do sul da América, bem como a Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos. A atividade do empresário se dividia então em três: o comercial, o industrial e o financeiro.” (REIS, 1999, p. 130)

O estaleiro Arataca era um dos grandes empreendimentos de Carl Hoepcke, que marcou sua importante atuação em Florianópolis.

“Geograficamente, chama-se ‘Arataca’ uma pequena enseada da Ilha de Santa Catarina, ao ocidente da Capital, de profundidade regular, situada entre o bairro ‘Rita Maria’ e o Forte de Santana [...] A palavra ‘Arataca’ é oriunda do Tupi-Guarani e possui interessante significado: tanto pode ser uma espécie de *beija-flor*, como pode caracterizar um tipo de armadilha indígena colocada sobre o chão para prender pequenos animais e pássaros.” (REIS, 1999, p. 133)

As primeiras décadas do século XX, em consequência das atividades econômicas do século XIX, trouxeram várias transformações para a cidade de Florianópolis com o investimento em infra-estrutura como: o primeiro processo de distribuição de água¹⁷, a instalação de energia elétrica e iluminação pública. Mas a grande mudança foi à construção da Ponte Hercílio Luz em 1926, por Hercílio Luz, o que não alterou apenas a paisagem como deu uma nova dinâmica a Ilha, pois o acesso Ilha-Continente havia sido facilitado para o transporte de carros.

“Durante as primeiras décadas do século XX, quando a iluminação ia substituindo o antigo sistema a querosene ou a gás e os bondes puxados e burros iam caindo em desuso pelo avanço dos veículos automotores, duas tendências evidenciavam a profunda alteração da essência sócio-econômica

¹⁷ “Implantação em 1910, do primeiro sistema de distribuição de água de Florianópolis. Durante esse longo período, a população se serviu de fontes e poços particulares e de algumas fontes públicas” (PASSOS, 2003, p.291).

que acontecia na Ilha: a crise da atividade portuária e a estagnação da agricultura.” (CECA, 1996, p. 57)

Sambaqui por outro lado não possuía estrada, mas Hercílio Luz tinha pretensões para o bairro como fica explícito através no relato de um dos moradores do local.

“Até 1924 Sambaqui não tinha estrada, era tudo transportado pelo mar ou conduzido a carro de bois pela costa do morro, até a Freguesia de Santo Antônio. Então o grande estadista Hercílio Luz era compadre do meu avô materno, não saía de Sambaqui, daí ele falou para meu avô- Compadre, eu vou construir a estrada de Sambaqui, não quero caminho de rato, quero uma estrada para passar veículos motorizados e uma via ferroviária para ser o porto de desembarque. Mas não foi concretizado, porque ele adoeceu[...], e nosso Sambaqui ficou esquecido dos poderes públicos.” (FERREIRA, 1998, p. 89)

Todas essas mudanças na Ilha, fez com que ocorresse a decadência do porto, devido ao avanço da navegação a vapor que veio com a utilização de motores movidos com derivados de petróleo, que estava vinculada a técnica naval de construção de embarcações cargueiras de grande porte, o que tornava cada vez mais obsoleta o pequeno e pouco profundo porto de Florianópolis. E aliando-se ao fato de em 1926 ter-se construído a Ponte Hercílio Luz (Ilustração 7), que estabelecia a ligação entre a Ilha e o Continente, que oferecia vantagem como uma maior agilidade e não estar suscetível ao tempo, que as vezes dificultava a passagem por barco. “Rapidamente extinguiu o trânsito de balsas e lanchas pelo canal, assim como o sistema viário-marítimo existente entre a Ilha e os portos vizinhos de São José, Palhoça e Biguaçu.” (CECA, 1996, p. 58)

“A obra mais importante para o plano urbano foi a construção da ponte Hercílio Luz, que ligava a ilha ao continente. As ruas Felipe Schmidt e Conselheiro Mafra, bem como a avenida Rio Branco tiveram que ser adaptadas a função (Andrade, 1978). Isto era natural, porque além de a área da cabeceira da ponta passar a exercer parte da função até então desempenhada pela praça central perto do mar, referente à chegada e à saída de passageiros nas viagens ilha-continente, na colina a que chegavam aquelas ruas esteve o cemitério público, que em 1925 foi transferido para o Itacorubi.” (PELUSO JR, 1991, p.318)

Santo Antônio de Lisboa e Sambaqui no início do século XX têm como consequência desse processo de investimento em infra-estrutura o declínio de sua economia¹⁸, ao serem inseridas novas opções de transporte que acabaram por diminuir a importância do porto, “além de que o crescimento de Desterro inaugura um novo pólo econômico, deixando para Santo Antônio o papel secundário de simples produtor de uma agricultura, pecuária e pesca de subsistência.” (MARTINELLO, 1992, p. 30). A mesma autora, ao descrever o relato de um dos moradores da localidade desde o ano de 1922, referente a esse período:

¹⁸ “O empobrecimento gradativo dos açorianos e as escassas oportunidades de emprego nas cidades litorâneas fizeram com que muitos migrassem para áreas industriais alemãs, para a zona carbonífera ou partissem à procura dos grandes centros pesqueiros, como o de Rio Grande e Santos, para trabalharem na pesca embarcada. (BASTOS, 2002, p. 133)

“Quando eu cheguei em Santo Antônio de Lisboa ele estava em declínio, tremendo, já vinha de muitos anos atrás caindo. Nesta época os que moravam aqui eram pescadores e pequenos lavradores. Aqui não há espaço para grandes lavouras. Então os indivíduos tinham de viver com mini-lavouras, mini-pecuárias e a pesca artesanal. Assim começou a tendência da saída de Santo Antônio para a cidade, na busca de novos empregos. Além de que muitos venderam suas propriedades e partiram para a vila.” (MARTINELLO, 1992, p. 30).

Segundo dados fornecidos por BARROS (1979), no final do século XIX a população de Santo Antônio sofre um aumento gradativo referente a seus dados demográficos. O seu ápice nesse crescimento gradativo chega até o início do século XX, em 1910 com 5.185 pessoas. Já em 1920 aparece com uma queda no quadro populacional tendo 3.100 habitantes. Isso se explicaria com o processo relatado pelo morador de Santo Antônio, um êxodo que ocorreu no começo do século XX, em decorrência da crise econômica com que apresentou bairro.

Tabela I- Total da população de Nossa Senhora das Necessidades e Santo Antônio, por ano, de 1841 a 1910

ANO	POP.	ANO	POP.	ANO	POP.	ANO	POP.
1841	2557	1859	2837	1877	3268	1894	4256
1842	2604	1860	2813	1878	3327	1895	4314
1843	2352	1861	2758	1879	3385	1896	4372
1844	2700	1862	2764	1880	3443	1897	4430
1845	2747	1863	2739	1881	3501	1898	4488
1846	2795	1864	2715	1882	3559	1899	4546
1847	2842	1865	2690	1883	3617	1900	4604
1848	2890	1866	2666*	1884	3675	1901	4662
1849	2938	1867	2666*	1885	3733	1902	4721
1850	2985	1868	2728	1886	3791	1903	4779
1851	3033*	1869	2791	1887	3849	1904	4837
1852	3009	1870	2853	1888	3907	1905	4895
1853	2984	1871	2916	1889	3965	1906	4953
1854	2960	1872	2978*	1890	4024	1907	5011
1855	2935	1873	3036	1891	4082	1908	5069
1856	2911	1874	3094	1892	4140	1909	5126
1857	2886	1875	3152	1893	4198	1910	5185
1858	2862	1876	3210				

(*) Anos de censo utilizado na estimativa populacional

FONTE: 1840- Relatório do Presidente de Província Ferreira Brito

1851- Relatório do Presidente de Província João José Coutinho

1866 e 1867- Relatório do Presidente de Província Albuquerque Lacerda

1872- Recenseamento Geral do Brasil

O processo de emigração de alguns moradores de Santo Antônio de Lisboa e Sambaqui são justificados tanto pela análise do quadro econômico, quanto através da observação dos dados demográficos, sendo o mesmo um fenômeno de transição do processo de urbanização, que com os crescentes investimentos em estrutura urbana serviram de atrativos para a população rural e do interior da Ilha.

“Convém reforçar então que na primeira metade deste século, Florianópolis passou paulatinamente por um processo de esvaziamento econômico provocado pela decadência da pequena produção mercantil açoriana e pela emersão industrial e comercial das áreas de colonização recente dos vales atlânticos catarinense.” (BASTOS, 2002, p. 135)

O segundo processo de urbanização vai ter como ponto forte a vinda dos imigrantes alemães e italianos para Santa Catarina, sendo Florianópolis neste período promovida neste período como praça comercial importadora que abastecia as colônias de imigrantes nos vales atlânticos catarinense.

Com o desenvolvimento dessas colônias entra em declínio a pequena produção mercantil decorrente de três fatores principais: 1º barreiras a produção local, e importação de produtos similares e com preços menores aos artesanatos açorianos; 2º ocorre uma diversificação deste artesanato, e uma especialização nos meios de produção; 3º permanência de relações pré-capitalistas as como o espírito de camaradagem, fragmentação excessiva da terra; e a forma rudimentar de plantio (BASTOS, 2000). E referente aos açorianos ligados ao comércio são substituídos pelos alemães como Karl Hoepcke que moderniza o porto e amplia as relações comerciais internacionais como a Alemanha.

Com reflexo desta situação Santo Antônio de Lisboa e Sambaqui que viviam ambas das duas principais atividades exercidas na Ilha de Santa Catarina ocorre um declínio e um esvaziamento demográfico, já que muitos iam em busca de emprego fora destas duas regiões.

O terceiro processo de urbanização é explicado pelas relações estabelecidas entre as classes sociais envolvidas com as políticas de Estado adotadas ao longo do Estado Novo (1937 – 1945), em que “os setores que sobreviviam no modo de vida anterior ao capitalismo, se estabelece com vigor a partir de 1930, entram em decadência e as atividades envolvidas naquela sociedade ressurgem em novas condições integradas ao novo sistema socioeconômico em implantação.” (BASTOS, 2000, p. 134 e 135).

Essa nova configuração urbana de Florianópolis vai estar vinculada à decadência da pequena produção mercantil açoriana e as mudanças referentes à estrutura produtiva do setor pesqueiro durante as décadas de 1940 e 1960 (através de investimentos para a pesca industrial), o que causou grande empobrecimento e elevado êxodo da população rural para os grandes centros urbanos. (BASTOS, 2000).

A ascensão de uma das mais tradicionais freguesias da Ilha de Santa Catarina, Santo Antônio de Lisboa e Sambaqui, com a vinda dos açorianos que através da pequena produção mercantil marcaram a história com um período de progresso, caracterizando o primeiro surto de urbanização. O segundo, vai estar atrelado ao fornecimento de produtos aos novos imigrantes (alemães e italianos), e a função portuária, mas também uma passagem que dá início a crise econômica local. O terceiro se configura com as políticas da década de 1930, e marca o grande êxodo dos moradores que ali vivem. Somente na década de 1980 é que desperta o interesse de novos moradores.

Referências

BASTOS, José Messias. **Urbanização, comércio e pequena produção mercantil pesqueira na Ilha de Santa Catarina.** In: SANTOS, Maurício Aurélio dos. **Ensaio sobre Santa Catarina.** Florianópolis: Ed. Letras Contemporâneas, 2000.

BARROS, Edy Álvares Cabral. **A freguesia de Nossa Senhora das Necessidades e Santo Antônio de Lisboa: 1841 a 1910: A sua Transição demográfica.** Florianópolis, 1979. Universidade do Estado de Santa Catarina (Mestrado em história)

CABRAL, Oswaldo R. **Nossa Senhora do Desterro.** Editora Lunardelli, 1979.

CAMPOS, Nazareno José de. **Terras Comuns e Pequena Produção Açoriana na Ilha de Santa Catarina.** Florianópolis: FCC ed./ Ed. UFSC, 1991.

CECCA- Centro de Estudos Cultura e Cidadania. **Unidades de Conservação e Áreas Protegidas da Ilha de Santa Catarina: caracterização e legislação/** CECCA. Florianópolis: insular, 1997. 160p.

FERREIRA, Sérgio Luiz. **Histórias Quase Todas Verdadeiras: 300 anos de Santo Antônio e Sambaqui.** Florianópolis: Ed. Das Águas, 1998.

HÜBENER, Laura Machado. **O comércio da cidade de Desterro no século XIX.** Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1981. 120p.

SOARES, Iaponan. **Santo Antônio de Lisboa: vida e memória.** Florianópolis: Lunardelli, 1991.

IBGE. **Censo demográfico.** Estado de Santa Catarina. Rio de Janeiro: 1952, 445p. (Série Regional, parte 19).

IBGE. **Censo demográfico.** Estado de Santa Catarina. Rio de Janeiro: 1955. 106p. (Série Regional, v. 27, t. 1).

IBGE. **Censo demográfico de 1960.** Estado de Santa Catarina. Rio de Janeiro: 1960. 157p. (Série Regional, v.1 – Tomo XV – 1º parte)

IBGE. **Censo demográfico.** Santa Catarina. Rio de Janeiro: 1970, 575p. (Série Regional, v.1 – Tomo XX).

INSTITUTO DE PLANEJAMENTO URBANO DE FLORIANÓPOLIS (Prefeitura Municipal de Florianópolis). Plano Diretor do Distrito Sede do Município de Florianópolis. Florianópolis: IPUF, 1998. 238p.

IPUF. **Guia Florianópolis.** Florianópolis. Edição Edeme, IPUF, 1992.

MAMIGONIAN, Armen. **Habitat Rural Açoriano**. In: Atlas Geográfico de Santa Catarina. Departamento Estadual de Geografia e Cartografia (IBGE). Conselho Nacional de Geografia, 1958.

_____, Armen. **Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural e Urbano**. In: Anais do 2º Encontro Nacional de Estudos Sobre o Meio Ambiente. Florianópolis, 1989.

_____, Armen. **Vida regional em Santa Catarina**. In: REVISTA ORIENTAÇÃO. São Paulo: set. 1966.

MARTINELLO, Dirce Maria. **Santo Antônio de Lisboa: O Pescado Tecendo a sua Própria Rede**. Florianópolis, 1992. Mestrado em Educação do Centro de Ciências da Educação da UFSC.

PEREIRA, Nereu do Vale *et al.* **Contributo Açoriano para a Construção do Mosaico Cultural Catarinense: Coletânea de Trabalhos do Autor Versando a Presença do Português Açoriano na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Editora Papa-Livro, 2003.

PAULI, Evaldo. **A Fundação de Florianópolis**. Florianópolis: Ed. EDEME, 1973.

PELUSO JUNIOR, Victor Antonio. **Aspectos geográficos de Santa Catarina**. 1 ed. Florianópolis: FCC Ed./Ed. Da UFSC, 1991. 284 p.

_____. **Estudos de Geografia Urbana de Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1991.

_____. **Tradição e Plano Urbano: Cidades Portuguesas e Alemãs no Estado de Santa Catarina**. In: Boletim Geográfico-Conselho Nacional de Geografia- IBGE. ANO XIV, 1956

PIAZZA, WALTER F; BANCO REGIONAL DE DESENVOLVIMENTO DO EXTREMO SUL. **A colonização de Santa Catarina**. [S. l.]: Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul, [1985?]. 311p.

PIAZZA, Walter F. **Santa Catarina: sua história**. [Florianópolis]: Editora Lunardelli, Editora da UFSC, 1983.

SILVA, Danísio; SCHMITZ, Paulo Clóvis. **O mercado público e suas histórias**. Ed:Vitelli Design, 2007

VÁRZEA, Virgílio. **SANTA CATARINA – A ILHA**. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1985.